

---

## Carta aberta a um amigo sobre arquétipos por Germano Dushá, 2017

---

Meu querido Renato, tenho escrito desde datas ainda distantes de quando você ou qualquer outra pessoa poderá ler. Tenho anotado coisas ao longo dos dias, enquanto trabalho, enquanto pauso e, agora, enquanto viajo de um país para o outro.

Tudo que escrevi foi pensando em nossas conversas, que igualam história da arte com anedotas do Centro-Oeste, que combinam narrativas universais com experiências muito pessoais, que misturam um pouco de esoterismo com muitas bobagens, um pouco de especulação metafísica com muita piada. Tudo que escrevi, é bom anotar, foi pensando na hipótese de suas pinturas estarem vivas, e eu podendo vive-las, implicado em carne e osso, e não distante, mediado pelo alcance dos olhos. Agora, junto aqui todas as anotações — que se apresentam em três binômios — num texto para estar ao lado da sua exposição, a mais de 10.000 km de distância de onde estarei.

### I. Linguagem e mistério

A linguagem já não dá mais conta de nada. Não dá... essa linguagem que se usa, a todo instante, como ferramenta para manejar o tecido do real, que não é suficiente em si, que não se basta, que aparece apenas para falar sobre outro assunto. Essa linguagem utilizada para comunicar e nunca para experimentar. Que não encerra uma realidade própria. Que aglomera estratégias apenas para cobrir tudo com fantasias, como instrumento de socialização, convencimento ou coerção.

Existe, no entanto, uma linguagem que não se manifesta para falar de alguma coisa, mas desde essa coisa. É possível, então, não apenas falar da vida, mas viver por meio da linguagem. No lugar do uso social, a realização espiritual. Não é a mesma língua, nem a mesma liturgia. Ao invés do distanciamento de quem aborda um objeto, a implicação nuclear, o comprometimento com a ação, o risco em atirar-se rumo a experiência. É outra ideia de verdade e, conseqüentemente, outros efeitos que se produzem.

No interior destes seus arquétipos está a intenção de signos que existem antes de nós e seguirão existindo depois. Me parece haver neles uma vontade primitiva, anterior a qualquer palavra... o que me interessa é isso. Vejo estas pinturas também como uma estruturação semântica aberta, continuamente em transformação. Espécie de vocabulário que pode ser distribuído como um carteadado. Na minha cabeça gosto de as embaralhar, combinar umas com as outras. E aí, com o que há de figura e abstrato em cada parte, surgem as possibilidades construtivas: imagino narrativas que poderiam tomar lugar nessas estruturas, nessas cores. As monto e remonto em infinitas variações, para vivenciar sempre diferentes histórias. E se me chegam os timbres musicais que cada traço emite, e as emoções que mobilizam, passo a formular partituras, para vivenciar sempre diferentes músicas.

Há neles o que não pode ser visto, algo que escapa a compreensão, um mistério fundante.

## II. Alma e arquitetura

Quando primeiro vi estes arquétipos, pensei logo no cruzamento entre matéria e espírito, entre forma e ideia, entre construções e sensações. Nos fenômenos que podem vir à tona nos cantos de paredes, nos arcos de janelas, nas luzes que entram por cobogós ou por debaixo das portas, nos caminhos que se abrem nas encruzilhadas. No evento que se instala numa esfinge, num obelisco. No estalo metafísico que faz perceber o que nos cerca — as casas, edifícios, abóbadas, pilastras, ruas, canteiros, etc. — a partir de um senso estético-filosófico, nos levando para além das constituições físicas dos elementos.

Logo me vêm os lugares que poderíamos viver diante, dentro, acima ou debaixo destes arquétipos. Uma Rússia antiga que só li nos livros, Brasília — essa cidade-escultura paradoxal no meio do Cerrado —, uma vila de pescadores na Bahia num dia de sol quente, aspectos do Centro de São Paulo, o janelão da casa da minha vó no interior de Minas. Não são, no entanto, pontos geográficos, e sim ideias que posso visitar sempre que desejo, pois estão dentro de mim.

## III. Pintura e experiência

Agora um episódio que acho que nunca te contei me volta com muita força. Tinha tomado um ácido para curtir o dia, e quando estava visitando o acervo de um museu me deparei com um de Chirico. Quando vi já tinha me deixado transportar para a paisagem da pintura. Lembro de perceber a temperatura atmosférica, a gravidade esotérica de um fim de tarde cobrindo o chão de terra, a alvenaria das edificações e a textura de uma estátua grega. A força da sombra. O enigma da paisagem urbana. O suspense da vida. Dramático, né... mas foi isso mesmo.

Depois me dei conta de onde estava. Não tanto o dia e o lugar que eu pessoalmente estava, mas a época em que estamos vivendo. Me vi num vídeo de Vaporwave, e refleti sobre como as coisas se antecipam, se revisitam. Sobre as relações entre memes e pinturas clássicas; as dimensões entre o cafona e o cânone; os processos que se apropriam e tiram sarro reproduzindo certas coisas ao ponto em que a crítica incorpora totalmente o próprio objeto que critica. Sobre como o que vem depois pode alterar completamente a percepção do que já passou. Só dá para entender a história como um vórtice caótico, não tem jeito.

Com essas nossas conversas recentes, tenho me lembrado também de uma imagem específica, que marca o início da nossa amizade. Não sei mais como encontrar uma cópia dessa foto, mas é de algum Carnaval de muitos anos atrás, que passamos no DF. No centro do quadro apareço com a camisa amarrada na cabeça, a barba comprida, o corpo descoberto marcado por uma insolação cômica e o rosto enérgico num grito alto. Estou segurando o Guilherme em seus quase 2 metros, que está de vestido longo e unhas pintadas. Lá do alto, ele segura uma latinha e derrama cerveja em sua direção. Seu corpo está fora de cena, seu rosto aparece maquiado sobre um pescoço contorcido. A boca aberta recebe o líquido que vem de cima. No fundo um monte de gente na avenida. Dá para ouvir o barulho, sentir o calor, o cheiro.

Parece que estávamos vivendo na intensidade de um quadro renascentista. Num drama-lhão barroco, cuja figuração a princípio se coloca muito distante destes teus arquétipos. Mas não, pois neles está a possibilidade de formular o que for, e sendo assim, podem ser igualmente figurativos, igualmente dramáticos. É por isso que me remetem a tantas me-

mórias, vindas de registros óticos e de outras naturezas, outras ordens. Poderia seguir escrevendo sobre isso sem nunca parar, mas já falei demais — não quero lhe enviar um texto maçante — e estou em trânsito, preciso ir.

Me despeço te desejando toda sorte e toda luz.

Muitos beijos,

**Texto de Germano Dushá para a individual “Arquétipos” no Espaço Breu, Barra Funda – São Paulo, em 2018.**

---

## Os doces laranjais vistos a partir do cerrado... paisagem por Marília Panitz, 2015

---

Ao entrar na galeria, a arquitetura já nos oferece a primeira nota: o azul claro, o branco, o palha e o cinza (uma paleta Morandiana, há que se notar). Daí, entramos para um delicado percurso de cinco trabalhos de Renato Rios: três séries de pinturas, outra de desenhos e uma instalação (mas, atenção, aí também o pensamento também é pictórico).

Renato vem desenvolvendo sua pesquisa nas possibilidades da linguagem pictórica, já há alguns anos. Ele decididamente é um observador. E é a documentação dessa observação do mundo que leva para o seu trabalho. É um retratista e um paisagista – mas isso não pode ser levado ao pé da letra! Porque o que parece realmente estar em questão na sua obra é o “pensamento sobre pintura” – aqui sempre colocado em um cruzamento com a literatura (da filosofia de Eudoro de Souza à poesia de Garcia Lorca, da teoria de Didi-Huberman a poesia de Pasolini). E é de Lorca que vem o título da mostra: “Doces Laranjais”. Mas transformado em haikai, inscrito numa de suas tantas (preciosas) cadernetas de anotações poéticas. Somos convidados a olhar o horizonte, a paisagem, os pontos de fuga, mas por um viés lírico, que provoca a aproximação do observador... para ver o distante, no tempo e no espaço...

Uma das séries compõe-se de 53 pequenas pinturas de paisagem que, colocadas em linha, produzem o horizonte plano de “Goiás”. A elas, somam-se outras 15, provocadas pelo haikai do artista, onde os tons de cinza, a sinuosidade da linha do horizonte e a figuração da paisagem vão cedendo lugar à abstração e à cor em uma paleta à maneira de Giorgio Morandi. Esta última série, dá nome à mostra.

O conjunto “Luccioles” (os vagalumes de Pasolini) é formado por telas quadradas, trabalhadas também na paleta entre os azuis, cinzas e castanhos (mais uma vez Morandi comparece). Elas nos oferecem sua planura monocromática, com uma cobertura tênue que nos deixa ver a trama do tecido da tela. No centro, a abertura (o furo?), como em um monóculo (ou telescópio) – como nas lições de perspectiva – nos permitem um mergulho na história da pintura, onde podem estar o gigante de Goya ou o observador no fundo de “As Meninas” de Velásquez; uma das cortesãs do “Dégeneur sur L’Erbe”, de Manet ou uma das ruas vazias de De Chirico... Lá eles estão... entre paisagens. Mergulho pelo espaço e pelo tempo da pintura.

A quarta série é dos desenhos “Origens”, belos exercícios de pensar o espaço circular de representação. Curioso observar que, se em todo o trabalho de pintura a dimensão é a da miniatura, no desenho ela se inverte, poucos traços, grandes espaços... para surpreender nossos olhos.

A instalação “Princípio”, ao fundo da sala faz, para nós, observadores, uma nota sobre o processo do artista, ali estão seus começos: o furo que nos traga e os pequenos fardos vazios, à espera da paisagem.

Uma nota: Antes de minha última ida ao ateliê, Renato me enviou uma mensagem com este texto de Henri Michaux. Poderia ser esta a descrição da mostra e da atitude do artista frente a seu trabalho:

*As montanhas e os rostos são os únicos objetos que tenho olhado desde sempre atentamente, irresistivelmente, e acompanhando com o espírito, mirando-os, magneticamente, sonhadoramente, e sem saber porquê.*

*Os rostos muitas vezes ficam constrangidos. As montanhas não, que eu saiba.*

**Texto de Marília Panitz para a individual “Doces Laranjais”, na Galeria Alfinete, Brasília, em 2015.**